

O ENSINO DA LITERATURA

BRAGA MONTENEGRO

A lição que se recolhe dêsse tão volumoso quão suculento livro de ensaios que são as *Correntes Cruzadas*, do Sr. Afrânio Coutinho (Editôra "A Noite" — 1953), a lição fundamental e manifesta, é essa de que não pode existir literatura sem honestidade intelectual. E a tal ponto essa qualidade se distingue e impressiona que se diria não haver, em tôda a longa série de ensaios constituinte da obra, outro propósito senão o de realçar, o de defender, o de "ensinar", o de demonstrar enfim que em literatura não há lugar para diletantes ou apressados, que a literatura não é adôrno e muito menos cartão de ingresso à vida social ou política, e o que importa é preservar o decôro mental e espiritual carecido ao exercício das letras, o qual, em sentido estrito e autêntico, se revela por um constante despojamento, um ato permanente de abdicação e humildade.

Certamente não exageraria se afirmasse ser esta a fisionomia mais característica da personalidade crítica do Sr. Afrânio Coutinho e êle próprio nos predispõe à aceitação desta síntese, não só pelas induções e alvitres que nos ficam da leitura de seu livro, mas também quando, de modo direto e com absoluta sinceridade, na entrevista transcrita ao final do volume, defende a fórmula da "criação de uma consciência moral completando uma consciência técnica", denuncia as incompatibilidades existentes

entre literatura e “vida literária” e conclui por confessar: “Vim para a literatura por vocação, livre e espontaneamente. . . Sou uma pessoa indiferente a tudo que não seja literatura. Desprezei oportunidades ótimas de entrar na administração pública e na política, por fidelidade rigorosa à literatura.”

Objetar-se-ia, de maneira pouco avisada, ser isto o que diz o autor por suas palavras, o que não significa o mesmo que provar pelos seus atos. É preciso, todavia, não esquecer que, no escritor, palavras e atos se confundem e, neste caso, ação nenhuma poderá adquirir forma sem o revestimento do verbo.

Quando mais não fôsse, bastaria o exemplo que nos deu pela disciplina a que se impôs quando de sua estada na América do Norte, no desempenho de atividades meramente jornalísticas, de caráter, por assim dizer, mecânico e, de algum modo, prejudicial à ordem literária e estética. Da convivência constante e atenta com mestres e idéias, à sombra do mundo universitário americano, expandiu e metodizou as suas virtudes intelectuais, de tal sorte que imediatamente se afirmou, em nosso empírico meio literário, com todos os atributos de um verdadeiro “scholar”.

Reunindo, no volume em causa, os seus trabalhos publicados semanalmente no “Diário de Notícias” e ainda alguns poucos outros em publicações diversas, resultado de cinco anos de investigação e estudo, o autor realiza um verdadeiro prodígio de coerência de idéia, seriedade e ordenação de propósitos. Ao material de um lustro de atividade intelectual, antecede longo estudo introdutório, muito denso e equilibrado, em que defende e explica os seus planos e concepções, vastamente desenvolvidos e demonstrados pelo livro todo, concorrendo assim para sua maior unidade e importância. E dêsse largo processo de investigação, dessa pesquisa vertical nas fontes mais generosas da literatura em tôda parte, resultou um livro que antes de ser um manual de crítica é sobretudo um compêndio de estética.

Isto se deve às preferências vocacionais do Sr. Afrânio Coutinho, ao seu método rígido de encarar os problemas da li-

teratura, à disciplina a que submete as suas pesquisas e observações no campo das teorias literárias.

Com muita propriedade defende os postulados genéticos e intrinsecamente artísticos na metodologia estética, mas em sentido global, sem a predominância de qualquer conteúdo específico, seja de ordem técnica ou filosófica.

Nada mais justo, tenho para mim, do que atribuir à crítica um caráter de autonomia, fundamentado na própria natureza dos gêneros poéticos, em suas leis e princípios, suas harmonias e ritmos. Os fatores extra-literários somente em casos peculiares lhe têm servido na interpretação ou julgamento da obra de arte, sejam de orientação idealista ou marxista, determinista ou sociológica, e ainda psicanalista segundo é a tendência moderna. A êstes processos de cunho mais ou menos *engagé*, isto é, de índole filosófica ou política, se aduzem outros métodos igualmente negativos da crítica como expressão criadora, êstes de ordem técnica — o filológico, o biográfico, o histórico.

O conhecimento literário, sem dúvida, compreende a convivência dessas ciências, exige familiaridade com os fatos da linguagem — do estilo, da sintaxe, da retórica e da composição, sem o que, já não se diria a arte mas o simples artesanato, na ficção, no drama, no poema ou no ensaio, resultaria vão. Exige igualmente o fundamento histórico e o biográfico, que lhe servem de relação com os acontecimentos humanos, com as comunicações e transcorrências da tradição e da lenda. Também, a par dêstes fatores mais ou menos positivos, não é possível prescindir dos recursos da psicologia e da filosofia, que lhe estabelecem conexão com a realidade transcendente, a referência moral e espiritual com o ser e a vida. Contudo, a ciência literária é bem outra cousa, como sistema lógico e conjunto de regras didáticas, muito embora não seja somente a arte de aprender a ler, ou de ensinar a ler, ou ainda de estudar a significação dos textos e dos fenômenos adstritos a determinada especialidade, em ilha árida,

como até certo ponto a nova crítica faz perceber das suas generalizações e tendências.

De certo modo, o *new-criticism* condiciona a atividade crítica a um ângulo mais de visão que de julgamento, isto é, coloca o problema não somente num sentido necessário de independência, mas precipuamente com finalidade em sí, o que, em última análise, significaria admitir a crítica como gênero literário autônomo, e com isto afastá-la de sua tarefa específica, de sua atividade opinativa e reguladora dos fenômenos literários.

Assim me expressando, não firmo o pressuposto de condenação do sistema neo crítico, mas tão somente indico como ineficaz a especialização forçada, o critério especulativo mais ou menos ortodoxo com que se pretende reduzir tôdas as manifestações do espírito a processos mecânicos.

Conquanto o Sr. Afrânio Coutinho seja um estrênuo militante nas fileiras do *new-criticism*, a sua atitude, neste particular, nada tem de dogmática. Linhas antes me referi, de passagem, à qualidade de compêndio estético das *Correntes Cruzadas* e isto visava, muito particularmente, a tendência do autor em se conservar no terreno da crítica pura ou teórica, desdenhando assim a atividade prática, na convivência com os gêneros literários e com os autores. Não vai nisto nenhum intento meu de restrição à obra do Sr. Afrânio Coutinho, pois não datam dêste artigo as minhas preferências por uma disciplina estética capaz de condicionar o ideal crítico dentro de normas intrínsecas inerentes à própria estrutura da obra de arte, sem prescindir, é certo, da contribuição de um corpo de doutrinas e teorias relacionadas com as manifestações do conhecimento humano, mas apenas com função subsidiária e jamais na qualidade de sistema fundamental pelo qual se deveria julgar ou explicar o fenômeno da criação artística.

O que melhor se observa neste autor, como a princípio fiz menção de maneira implícita, é o seu temperamento de pedagogo, pois tudo neste livro trai essa marca impressiva e dominante.

Ao invés de se dedicar à feitura de uma crítica de natureza dinâmica ou experimental, como proveitosamente nos dá mostra de competência em raros momentos através do volume, especialmente quando se refere a Eugênio Gomes e, como o ví, em outra ocasião, a propósito de *A Crítica Literária no Brasil*, do Sr. Wilson Martins, com inteiro conhecimento de causa, penetração e equilíbrio, as suas preferências se voltam para o debate, para o campo das teorias, para as solicitações do magistério e da cátedra.

Têm mesmo, os seus ensaios, o título geral de “O Ensino da Literatura” e abarcam amplíssimo panorama que inclui não apenas os assuntos estritamente identificados com a ciência moderna da literatura, com a poética e a estética em seus objetivos essenciais, mas ainda a convivência de disciplinas conexas, no esforço de metodizar o conhecimento das letras em bases necessariamente humanísticas.

O empenho em que todo se absorve para despertar uma consciência crítica em nosso meio, para insuflar à vida mental em nosso país o espírito de sistema sob a inspiração de regras universitárias, a veemência com que se bate por êsses postulados, quer por intermédio da enunciação de suas idéias, quer pelo debate cerrado contra o vêzo da rotina e do empirismo em matéria literária entre nós — algumas vêzes com excesso de severidade e até injustiça relativamente a nomes ilustres do passado (ver artigo de 1 de agosto de 1948) — todo êsse afã, todo êsse sistemático esforço, e ainda a sua idoneidade intelectual e moral, credenciam-no à categoria de um verdadeiro mestre: mestre na cátedra de que faz profissão, mestre ainda, e com maior responsabilidade, na vida literária contemporânea.

Todavia, não creio que o Sr. Afrânio Coutinho tenha muita razão quando se inclina a combater a crítica de informação e de julgamento, a denominada crítica de livros, uma vez que o defeito não está na modalidade mas sim na qualidade da crítica. Qualquer manifestação, sôbre um livro ou uma obra literária, é sem-

pre útil; seja o ensaio metódico de interpretação, comparação e análise, seja o artigo de comentário e elucidação em torno do assunto, das idéias ou da técnica de um determinado livro, seja ainda a simples nota de notícia, o *review* dos fatos bibliográficos. O importante é que não haja nisto o tom insulso da improvisação, o aspecto tendencioso do protecionismo e a marca impudente das generalizações vazias.

“É mister criar-se entre nós o partido dos homens desagradáveis, escreve o Sr. Afrânio Coutinho, antônimos dos tais cordiais e dos ufanistas, inconformados aos quais incumbiria falar calmamente ao arpejo da norma vigente desde Pero Vaz Caminha de ufanarmo-nos de nossas misérias”. Está certo. E está certo também quando enfrenta os nossos erros de constituição, a nossa falta de austeridade, o vêzo de ler de outiva e de escrever com facilidade, o gosto da anedota, a superficialidade crônica com que se enchem as páginas das revistas e dos suplementos e se engendram apressadas celebridades.

Entre as mazelas combatidas pelo autor, e que concorrem fortemente para o desprestígio da literatura no Brasil, é essa de se fazer da ocupação das letras degrau fácil à carreira política, às solicitações da vida econômica e social. Outra deficiência apontada na literatura brasileira é o seu aspecto romântico de servir precipuamente à veleidade dos moços, com escasso proveito para a nossa cultura e inteligência. (Ver artigo de 25 de dezembro de 1949).

Conforme deixei registrado, há cerca de três anos, num artigo publicado no “Diário de Pernambuco”, nas letras, passada a primeira mocidade, permanecem apenas aqueles que trazem uma *estilha* na carne, no dizer expressivo de Kierkegaard, e que não se contentam com viver a vida comum da superfície. Aquêles que entendem como Charles Du Bos, nos quais se inclui o Sr. Afrânio Coutinho, que “si la littérature doit à la vie son contenu, la vie doit à littérature sa survie, lui doit cette immortalité qui ne s’arrête qu’au seuil de l’éternité, cette immor-

talité au delà de laquelle c'est la vie éternelle qui commence".

Na época atual, em que entre nós o desapareço à literatura não é apenas desdenhoso mas até, sob alguns aspectos, profundamente hostil, é grato registrar-se o aparecimento de um livro que, de maneira tão nobre, enaltece e valoriza essa atividade superior do espírito humano. Atitude de pensamento bastante singular, portanto, a do Sr. Afrânio Coutinho, atitude congruente e de respeito à própria vocação, enfim um ato de coragem e de honestidade intelectual.